



DEUTSCH  
PORTUGIESISCHER  
JOURNALISMUS-PREIS  
PRÉMIO DE JORNALISMO  
LUSO-ALEMÃO

## 1.º Prémio

**Tobias Asmuth**

**O dilema do lítio**

**brand eins, janeiro 2022**

Tradução: Paulo Rêgo

## O dilema do lítio

Janeiro 2022, Texto: Tobias Asmuth, Fotografia: André Vieira

### O que move as pessoas

Agricultura verde ou mobilidade verde?

No norte de Portugal, uma mina de lítio  
ameaça uma região que é património mundial.

E semeia a discórdia numa aldeia que poderia ser um idílio.

No ano de 2018 parecia ter saído a sorte grande às gentes da aldeia de Covas do Barroso. A Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO) declarou que a região de Barroso passava a ser reconhecida como Património Agrícola Mundial. Ao longo de séculos, os seres humanos desenvolveram ali um tipo de agricultura baseada numa gestão e exploração coletiva dos recursos hídricos e das terras de pastagem. Desse modo, os solos puderam manter-se férteis, a paisagem intacta e as tradições culturais da comunidade bem vivas.

Muitos habitantes da região de Barroso viram neste título uma oportunidade, tendo planeado a certificação dos seus produtos com o selo de «Denominação de Origem Protegida». Contudo, em 2019, o Governo português anunciou a concessão de licenças para a prospeção de lítio na região. Desde então, discute-se em Covas do Barroso obstinadamente acerca do futuro. Uns apostam na agricultura ecológica; os outros é no lítio que veem o seu futuro.

Quando João Cassote, com 45 anos de idade, ouviu dizer que a empresa britânica Savannah Resources pretendia fazer prospeção de lítio nas encostas diante da sua quinta, dirigiu-se ao seu banco e pediu um crédito de 200 mil euros. Com esse dinheiro comprou um trator e uma cisterna de água. A seguir, telefonou para a Savannah e pouco tempo depois a empresa encarregou-o do fornecimento de água às perfurações que realizavam no âmbito da prospeção. O investimento de João Cassote mostrou-se rentável, nesse ano ganhou mais do que em qualquer dos anteriores.

«Há que apanhar a fruta quando ela ainda está na árvore», declara ele. Na verdade, dedica-se à produção de gado bovino da raça barrosã, mas a atividade pecuária mal compensa. «Recebo 4 euros e meio por um quilo de carne. No supermercado é depois vendido a 20 euros.» Cassote acaba de chegar do campo, possui um tom de voz rouco e grave que faz lembrar o de Paolo Conte. Enquanto fala, as suas mãos não param de gesticular. «Quando era pequeno, havia aqui uma escola e um centro de saúde. Há bastante tempo que fecharam. São muitas as casas que estão vazias, ainda que sejam das mais bonitas da aldeia. Os donos delas emigram para ganhar dinheiro e só regressam no verão.»

Ele ama a sua aldeia. Foram duas as vezes que tentou trabalhar em França, mas nunca por lá ficou muito tempo. As saudades da sua terra eram demasiadas. Está convencido de que Covas do Barroso irá beneficiar da mina, ainda que metade do monte que tem diante dos olhos viesse a desaparecer. O *boom* do lítio trará empregos. Em nome disso, está disposto a arriscar mais ainda do que dinheiro.

Em finais de 2019, quando se realizaram as eleições dos órgãos de administração dos baldios, João Cassote era o único candidato.

É à administração dos baldios que compete gerir os terrenos florestais, as pastagens e os recursos hídricos que se encontram na posse coletiva daquela comunidade. Para a Savannah Resources, a eleição de Cassote seria um feliz acaso: a empresa teria assim do seu lado um homem que poderia tomar decisões a respeito de uma boa parte das terras sob as quais se encontra o lítio. Contudo, no próprio dia das eleições surgiu uma outra candidatura, a de Aida Fernandes, que acabou por ser a vencedora.

Aida Fernandes lidera o movimento de resistência contra a mina. Aida é irmã de João Cassote.

## **O fosso que separa a família**

Aida Fernandes está sentada sobre um muro coberto de hera, à sombra de um carvalho. Num terreno ali ao lado, Néilson, o seu marido, ajudado por alguns amigos, realiza a colheita do milho, que servirá para alimentar as vacas durante o inverno. «É errado destruir algo que é bom para através disso, se melhorar algo que é mau. Por que razão haverá a nossa natureza maravilhosa de desaparecer para dar lugar a um gigantesco buraco?», pergunta ela. «Não haverá outros meios de combater as alterações climáticas?» Aida detesta quando alguém argumenta, em tom de repreensão, dizendo-lhe que ela se opõe ao progresso. «Em 20 anos, o Néilson e eu viajámos apenas duas vezes para o estrangeiro. Talvez seja isso o progresso, não?»

Aida tem 43 anos e é agricultora, nunca quis fazer outra coisa que não fosse criar gado, declara ela. «Fiquei aqui em Covas, ao passo que as minhas amigas se mudaram para o Porto ou para Lisboa em busca de emprego. Hoje, algumas delas invejam a vida que eu tenho.» Juntamente com o marido, cuida de 29 vacas, cultiva batatas, couves, tomates e cebolas, produz queijo e também presunto. Desde que o casal soube dos planos relativos ao lítio, receia o fim da sua vida modesta mas tão satisfatória.

No entanto, a sua resistência não resulta apenas do medo em relação ao futuro. É estimulada também pela sensação de estar a lutar sozinha contra adversários poderosos: contra o Governo em Lisboa. Contra a União Europeia. E também contra muitos defensores do ambiente, que – por se verem confrontados com um dilema – demonstram pouca solidariedade com Covas do Barroso.

Se se tratasse de carvão, a coisa era simples. Porém, associadas ao lítio, são alimentadas as esperanças de emissões de CO<sub>2</sub> mais reduzidas. Mas será que as alterações climáticas justificam a destruição de uma paisagem que acabou de ser considerada património mundial? Não é este afinal um assunto que justifica que todos façam sacrifícios?

Depois de acaloradas discussões na aldeia, Aida Fernandes proibiu aos colaboradores da Savannah o acesso às terras comunitárias do baldio.

Com efeito, embora a empresa tenha recebido do Estado português uma autorização para a prospeção, é à comunidade que efetivamente pertencem as terras do baldio.

Desde que Aida Fernandes decidiu impedir a realização de mais perfurações de prospeção, o seu irmão aluga de vez em quando o trator e a cisterna a empresas de construção, mas a maior parte do tempo estes acabam por ficar parados na sua quinta. Ainda assim, João Cassote continua a trabalhar para a Savannah, a esclarecer as questões relativas aos direitos sobre os terrenos e parcelas de campos que não integram o baldio.

## «De importância estratégica para a Europa»

Próximo do moderno edifício branco da Câmara Municipal de Boticas encontra-se uma espécie de casinha montada sobre pilares de pedra, com uma cruz numa das pontas da cumeeira do telhado. Canastros (ou espigueiros) como este eram em tempos usados para armazenar milho e constituem ainda hoje um símbolo do meio rural no norte de Portugal.

Fernando Queiroga venceu há algumas semanas pela segunda vez as eleições autárquicas e foi reconduzido como presidente da Câmara de Boticas, uma vila que conta com quase 6 mil habitantes. Queiroga é um dos aliados de Aida Fernandes. Está sentado no seu escritório, diante de uma mesa de reuniões, tem diante de si uma folha de papel branco, na qual vai desenhando setas no decurso da entrevista, mas onde não aponta uma única palavra.

Face à questão do projeto da mina, que, a avançar, se situará na aldeia de Covas do Barroso, a 20 quilómetros de distância, o político sabe que a região se encontra numa encruzilhada: ou daqui a algum tempo aquela freguesia acolhe a maior mina de lítio da Europa, ou então toda a região mantém o título de Património Mundial com que foi distinguida. «Recebemos o título porque há séculos que realizamos uma agricultura em harmonia com a natureza. Se montes inteiros desaparecerem, dificilmente se poderá falar de harmonia», afirma Queiroga.

Com efeito, a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura recolhe informações acerca de potenciais efeitos ao nível ambiental decorrentes da exploração da mina e não exclui a possibilidade de o título poder vir a ser retirado.

Terras de Barroso é a única região de Portugal e uma de apenas sete em toda a Europa a ter recebido esta distinção.

Queiroga ainda se lembra bem de como se sentiu horrorizado ao ver pela primeira vez os planos do projeto. «A maior das covas a céu aberto tinha 600 metros de comprimento, 500 de largura e 150 de profundidade. Quando lhes perguntei por que razão a extração não era feita em galerias subterrâneas, responderam que não seria rentável. Quando quis saber se voltariam a preencher os buracos criados, disseram-me que seria demasiado caro.» Põe-se novamente a desenhar setas na folha de papel e exprime a sua preocupação de a mina vir a representar um consumo excessivo de água. Fala das estradas que teriam de ser construídas para suportar 200 camiões por dia, dos turistas que deixariam de aparecer, dos empregos que, desse modo, poderão estar em risco.

Mas como responde ele, enquanto autarca, a quem acha que, por detrás destas reservas apenas se esconde egoísmo? Afinal de contas, o lítio é um componente das baterias que são montadas nos automóveis elétricos, necessários para a transição na mobilidade e... Fernando Queiroga nem sequer espera pelo fim da pergunta e declara: «Isso é injusto. Não somos indiferentes às mudanças climáticas.» Aponta para fora da janela. Em praticamente todos os montes em redor há turbinas eólicas com as pás em movimento. «Na Alemanha haveria decerto protestos contra tamanha quantidade de aerogeradores, não?»

Quando, ao assumir a sua nova função como administradora do baldio, Aida Fernandes proibiu aos colaboradores da Savannah Resources que realizassem mais prospeção de lítio nos terrenos comuns de Covas do Barroso, David Archer, o presidente do conselho de administração da empresa, tentou levá-la a mudar de ideias durante uma visita que fez a sua casa. «Hoje nem sequer teria deixado o homem entrar», refere Aida Fernandes.

Num tom deliberadamente sereno, Archer admite que existem algumas posições mais radicais, mas que a resistência ainda assim é moderada. Este empresário inglês, de 65 anos, está sentado no *hall* de entrada do Hotel Art & Spa de Boticas. Tem vestida uma camisa

impecavelmente branca, com um monograma em que se reconhecem as letras «DSA» bordadas – David Stuart Archer veio de Londres, com o intuito de passar várias semanas em Portugal. A maior parte do tempo é passada em Lisboa, em conversações com políticos. No entanto, reservou alguns dias para visitar também a região de Barroso.

Refere que nos projetos de extração mineira há sempre protestos porque não se olha para os factos. Por essa razão, a Savannah especifica num relatório de avaliação de impacto ambiental com 3000 páginas mais de 200 medidas através das quais a empresa pretende minimizar os danos ambientais. «Vamos proteger e poupar os recursos hídricos, na lavagem do minério apenas iremos utilizar substâncias orgânicas que não contaminem os solos. Construiremos estradas em redor. Só haverá explosões de dois em dois dias. Garantimos um aproveitamento sustentável daqueles terrenos após o encerramento da mina em 2036. Vamos plantar árvores e irão surgir lagos», declara Archer.

E será isso o suficiente para se considerar que estamos perante uma mina verde? «Creio que preferiria usar a expressão “ciente das suas responsabilidades”», responde Archer. Além disso, irão ser criados 200 postos de trabalho.

«Nos últimos dez anos, Covas perdeu quase 25 por cento da sua população.» Tal como o resto da região, também a aldeia sofre as consequências do êxodo rural. «A nossa mina irá trazer vida de volta à aldeia.»

De acordo com as estimativas, existem naquela região mais de 280 mil toneladas de lítio. Em 2030, poder-se-ia, com o lítio ali extraído, estar a cobrir seis por cento das necessidades projetadas para o mercado europeu. «A mina reveste-se de uma importância estratégica para a Europa», afirma David Archer. Está a contar obter em breve as autorizações por parte da Agência Portuguesa do Ambiente. A par dos processos que decorrem em Portugal, e tendo em conta a proximidade à Galiza, o projeto da mina está também a ser apreciado pelas entidades espanholas responsáveis pelo ambiente. Ao longo dos onze anos durante os quais se prevê que a mina venha a ser explorada, a empresa conta vir a obter receitas de mais de 1500 milhões de euros.

A maioria dos habitantes de Covas do Barroso mais depressa acredita que a mina não trará para si quaisquer ganhos. As opiniões dividem-se também em relação ao número exato dos que são a favor ou contra a mina. Contudo, até mesmo João Cassote é da opinião que a maioria das pessoas recusa a presença da mina. Um dos habitantes que apoia Aida Fernandes na sua luta é Paulo Pires, de 47 anos, um homem de estatura elevada, mas que fala num tom de voz baixo. O volume da sua voz apenas se faz ouvir quando dirige algumas ordens a Max, o seu cão. Paulo Pires é pastor e, juntamente com Max, conduz o seu rebanho sob a chuva miudinha, por entre as casas de pedra da aldeia, até às pastagens junto à orla da floresta.

«Tenho orgulho de, até agora, termos conseguido impedir o avanço desta mina», declara Paulo Pires. «Mas fico triste por saber que a luta contra a mina acaba por abrir uma brecha na nossa pequena comunidade.» Em Covas de Barroso vivem pouco menos de 200 pessoas. Todas as manhãs há sete crianças que apanham o autocarro que os leva para a escola, em Boticas. Uma delas é o Gonçalo, de 6 anos, que é filho de Paulo.

### **«Quem quiser entender as regras, terá de ser de cá»**

Chegados ao terreno de pastagem, Paulo deixa as ovelhas entregues à guarda de Max. Quer ir até junto dos furos de prospeção. Atravessa carreiros arenosos, entre velhos pinheiros, que conduzem a um barranco ermo, onde se escuta o rumorejo de uma cascata e o ar cheira a madeira molhada e às folhas que cobrem o solo.

Dali a pouco chega junto de vários tubos azuis, que se erguem do chão, a cerca de um metro de altura, acima de bases em betão: são as perfurações da prospeção. De alguns desses tubos Paulo Pires desenrosca as tampas que os cobrem e deixa cair um seixo no interior. Passados dois ou três segundos escuta-se um chape, quando a pedra alcança a superfície da água dentro do tubo. Paulo é incapaz de acreditar que a água, de cuja pureza tanto se orgulham nas Terras do Barroso, não venha a ser prejudicada pela extração mineira.

«Enquanto a mina for rentável, talvez uns dez anos, a Savannah fica por aí. Depois vão-se embora e deixam-nos uma paisagem destruída. E nessa altura, quem vai querer comprar os nossos produtos? Deixará de haver agricultura. Para nós a mina não é sustentável», conclui.

Em Covas do Barroso, todos os dias, após o almoço, as pessoas costumam juntar-se no bar *O Nosso Café*, onde a acompanhar o expresso muitos consomem ainda um bagaço. Enquanto Nelson Correia vai cavaqueando com outros homens a respeito da época da caça, que não tarda aí, a sua mulher relata as novidades da resistência contra a mina: fala dos cartazes que, por todo o lado, eles colam em muros e paredes, em que se pode ler «*Não à Mina, Sim à Vida*». E também da manifestação em Lisboa, diante do Ministério do Ambiente. E ainda dos 121 membros e dos 3300 seguidores no Facebook que entretanto conseguiu atrair para a associação Unidos em Defesa de Covas do Barroso. Os planos para a mina conseguiram já lançar a discórdia entre vizinhos, além de quebrar laços na sua família. «Já perdi bastante nesta luta», queixa-se Aida Fernandes. O próprio pai ficou do lado do irmão dela.

Também João Cassote sofre com esta disputa. Não quer ser considerado o único homem da aldeia para quem o lugar onde vive lhe é indiferente, diz ele.

E, talvez por isso mesmo, faça o convite para um passeio até uma zona em declive na parte inferior de uma colina. Aí, sob as coroas dos carvalhos, encontram-se, escavadas no chão, bacias de pedra alimentadas por nascentes de água. Delas partem canais estreitos, que, por sua vez, se subdividem em canais ainda mais estreitos. Aquele sistema de irrigação é um dos motivos para ter sido atribuído a Barroso o estatuto de Património Agrícola Mundial e funciona segundo regras antiquíssimas que João Cassote tenta explicar do modo mais simples possível.

Um ciclo de onze dias determina que quantidade de água flui por cada um dos canais. Quando os raios de sol atingem uma certa fenda coberta de musgo num rochedo à beira das bacias, há um responsável que abre pequenas comportas de madeira, permitindo que a água flua ora nuns canais, ora noutros. Além disso, também as estações do ano e a seca desempenham um papel. «As regras não estão escritas em lado nenhum. Para entendê-las, é preciso ser de cá. A distribuição imparcial baseia-se também na confiança mútua», explica ele com orgulho.

Quando encontra a irmã n' *O Nosso Café* ou mesmo na rua, por vezes trocam brevemente algumas palavras. Mas não há visitas a casa um do outro nem festas em conjunto, como dantes. Apesar disso, Aida Fernandes quer voltar a candidatar-se de novo à administração do baldio, nas eleições de 2022: «Porque aquilo que estamos a fazer está correto.»

Que hipóteses tem ela de conseguir impedir a exploração da mina? A procura de baterias cresce a um ritmo tal que os analistas no domínio da energia já preveem um estrangulamento global no fornecimento dos componentes mais importantes, tais como o lítio e o cobre. Além do mais, a Europa pretende tornar-se mais independente de importações. O lítio europeu significaria também cadeias de fornecimento mais curtas e preços mais baixos para os fabricantes de baterias do continente e para a indústria automóvel.

Neste caso, até mesmo a política ambiental da União Europeia se encontra do lado das empresas mineiras que pretendem realizar a extração de lítio. O argumento das emissões de CO<sub>2</sub> mais baixas sobrepõe-se a quaisquer advertências sobre os danos ambientais sofridos no local de extração. E embora o Governo português tenha aprovado recentemente uma nova

«lei das minas», que prevê como condição a concordância das populações locais, a legislação também permite que em projetos de importância nacional possa haver lugar a expropriação de terras.

### **Visita a *Mister Lithium***

Talvez Alexandre Lima, conhecido como *Mister Lithium*, conheça a resposta. Não deixa de esboçar um sorriso ao ouvir a alcunha, mas é bem possível que nenhum outro geólogo em Portugal esteja tão bem informado como ele acerca da presença deste metal no território nacional. Ainda enquanto estudante, Lima havia estado presente na região de Barroso aquando da realização de prospeções. Atualmente é professor no Departamento de Geologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto. Partilha o seu espaço de trabalho com três assistentes e muitas amostras de rochas brancas, cinzentas e castanhas depositadas em prateleiras.

«Cerca de um por cento do lítio existente no mundo encontra-se em Portugal. Soa a pouco, mas será provavelmente dez por cento do lítio que há na Europa», declara Alexandre Lima. E, com frequência, trata-se de espodumena, um minério que contém lítio e é particularmente apropriado para um processamento posterior.

Em conjunto com a sua equipa, o geólogo cartografou diversas jazidas no norte e no centro do país. Organizou perfurações de prospeção e analisou os componentes minerais das amostras de rocha recolhidas. «Existem alguns locais adequados para se realizar uma extração com vista à obtenção de lítio», diz Alexandre Lima. «Tendo em conta a procura existente, a mina de Covas do Barroso não tardaria a demonstrar-se economicamente rentável.» Também se conseguiria decerto cumprir as imposições em termos de proteção do ambiente. O consumo de água poderia ser reduzido mediante a sua utilização num sistema fechado, mesmo quando no verão esta pudesse vier a escassear. As enormes quantidades de entulho teriam de ser escoadas e dispostas por camadas num monte seco. Do ponto de vista técnico, o projeto é ambicioso, mas é exequível. E conseguirão os defensores da extração de lítio convencer as pessoas? «Isso não sei. O que sei com toda a certeza é que, de outro modo, Portugal desperdiça as hipóteses que tem na questão do lítio», responde Alexandre Lima.

A mina em Covas do Barroso deveria vir a ser um incentivo e servir de modelo para outros projetos. No entanto, a resistência encontrada prejudica os planos para outras regiões. Dever-se-á, por isso, olhar para jazidas alternativas, já que existem outros lugares com potencial, onde as pessoas terão mais abertura para a presença de uma mina. Caso contrário, será cada vez mais difícil construir um *cluster* industrial em redor do lítio. Um tal *cluster* compreende as minas, a atividade de trituração e moagem do minério, a conversão do concentrado de espodumena numa refinaria em carbonato de lítio e hidróxido de lítio, a produção de baterias e, idealmente, também a sua reciclagem.

«A existência de todo este circuito em Portugal seria para este país uma história de sucesso económico», comenta Alexandre Lima. No entanto, acredita que as refinarias acabarão por ser construídas noutros lugares da Europa. Neste momento existem planos para a criação de refinarias na Alemanha – em Bitterfeld-Wolfen e em Guben – que poderiam iniciar a laboração já em 2023. Do ponto de vista da proteção ambiental, essa seria, ainda assim, a segunda melhor opção.

Com efeito, o local onde o lítio é refinado é um fator importante para definir em que medida este é ambientalmente sustentável. A Savannah planeia utilizar a energia elétrica da rede pública para o processo de trituração da rocha. Tendo em conta que em Portugal cerca de 70

por cento da energia produzida provém de fontes renováveis (ao contrário da Alemanha, em que essa percentagem é de pouco mais de 40 por cento), o balanço em termos climáticos seria favorável a uma localização em Portugal.

Coisa bem diferente será se o concentrado já preparado tiver de ser transportado por via marítima para a China, para aí ser convertido em carbonato e hidróxido de lítio, em refinarias que são alimentadas por eletricidade gerada com base no carvão; e, se além disso, o lítio for depois novamente transportado por mar, para aqui vir a ser incorporado em baterias de iões de lítio.

Nesse caso, a mina de Covas do Barroso poderia, de acordo com os cálculos de diversos peritos em energia, tornar-se, no conjunto de todas as minas de lítio do mundo, aquela que mais prejudica o ambiente: por cada tonelada de hidróxido de lítio estariam a ser produzidas 15 toneladas de CO<sub>2</sub>, o que ficaria muito acima dos valores calculados para as minas do Chile e da Austrália. E assim seria até haver refinarias em solo europeu, capazes de realizar com energia elétrica «verde» o processamento do minério de lítio extraído em Covas do Barroso.

O geólogo Alexandre Lima comenta, por fim: «Uns dizem que a extração mineira é má e que destrói o mundo. Os outros dizem que a destruição do mundo pode ser travada mediante a extração mineira. A verdade estará porventura algures no meio.»

## **Lítio**

*Trata-se do metal mais leve da tabela periódica. Não ocorre na natureza em estado puro, estando antes contido em minerais, mas também na água do mar e em salmouras.*

## **Extração e transformação**

*Até hoje o lítio é obtido sobretudo a partir de rochas na Austrália (55 por cento da produção mundial no ano de 2019) e na China (10 por cento), bem como nos desertos de sal (salares) do Chile (23 por cento) e da Argentina (8 por cento). A refinação ocorre sobretudo na China, daí resultando hidróxido de lítio e carbonato de lítio, que é usado nas fábricas de baterias localizadas na China, nos EUA, na Coreia do Sul e no Japão. Na Europa, os países tidos como aqueles em que uma extração poderia ser rentável são sobretudo Portugal e a Finlândia.*

## **O boom atual**

*O lítio é um componente indispensável para as baterias de iões de lítio que são utilizadas nos automóveis elétricos. A empresa de consultoria Deloitte estima que até 2030 um terço de todos os automóveis sejam movidos a energia elétrica. Entretanto, há planos para serem construídas pelo menos 100 gigafábricas na Ásia, na Europa e nos EUA. Especialistas da Agência Internacional de Energia temem um estrangulamento no fornecimento: a quantidade de lítio produzido nas minas ativas e planeadas não irá ser suficiente para satisfazer a procura.*